

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO

O elogio da maternidade na Roma Antiga



O elogio da maternidade na Roma Antiga

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO

Universidade Católica Portuguesa – Braga
antmelo@braga.ucp.pt

Abstract

If it is unsurprising to find that some men of today, though a few, see themselves in the behaviour of Horace's father, as he himself witnesses, the eulogy of motherhood, in a society little prone to recognize the role of women, will deserve a much bigger admiration from us.

One of the most famous examples is that of Helvia, the mother of Seneca, the Cordovese poet.

Keywords: motherhood in Rome, Seneca

Há dois ou três meses que arrasto, penosamente, as minhas ideias! E com dificuldade havia de sugerir o autor destas linhas o título em epígrafe. Com efeito, a escrita continua a ser um desafio, o entrelaçar do fio de um discurso um mistério.

Escrever é testemunhar e dar testemunho é um acto de coragem. A coragem da autenticidade, de dar rosto, voz, em suma, a de emprestar identidade a um pensamento. Pensamento esse que emerge de um acto solitário do escritor que, a pouco e pouco, vai urdindo seus traços negros sobre o fundo branco, desafiador, de uma pantalha digital que nos incita ao preenchimento de um vazio indefinido. Convencionais, embora, no seu valor, esses sinais ordenam-se paulatinamente, numa simplicidade harmoniosa, sob a intencionalidade da vontade humana. Como o pintor diante da sua tela: «a pintura é poesia calada e a poesia pintura que fala», para recordar uma frase célebre de Simónides de Ceos citada por Plutarco, nos *Moralia*, mais propriamente no opúsculo *Sobre a glória dos Atenienenses* (346 F: «Πλὴν ὁ Σιμωνίδης τὴν μὲν ζωγραφίαν ποίησιν σιωπῶσαν προσαγορεύει, τὴν δὲ ποίησιν ζωγραφίαν λαλοῦσαν»), de que Horácio se faz eco na *Epistola ad Pisones* (v. 361): *ut pictura poesis*. A este texto horaciano, Quintiliano, mais tarde, na sua obra *O Ensino da Oratória* («Institutio Oratoria») havia de chamar-lhe *ars poetica* («usus deinde Horati

consilio, qui in arte poetica suadet ...», *Inst. praef. 2*), ou melhor, *de arte poetica liber* («... quale Horatius in prima parte libri de arte poetica ...», *Inst. 8.3.60*).

Este símile é um dos mais recorrentes na Antiguidade, a propósito da imitação (μίμησις): segundo Varrão, no seu tratado *Sobre a Língua Latina* («De Lingua latina»), «embora ao poeta se lhe permita transgredir todos os limites impunemente» («cum poeta transilire lineas impune possit», *Ling. 9.5*), o mesmo não se aplica ao orador, «pois as suas leis não são as mesmas» («quod eorum non idem ius», *Ling. 9.5*). Esta ideia proverbial, mais tarde veiculada por Luciano (*Im. 18*), é referenciada por Horácio, na sua *Arte Poética*, logo ao início da sua obra, que desde logo atalha os exageros (vv.9-13):

... 'Pictoribus atque poetis
quid libet audendi semper fuit aequa potestas.'
Scimus, et hanc ueniam petimusque damusque uicissim,
sed non ut placidis coeant inmita, non ut
serpentes auibus geminentur, tigribus agni.

Dizeis vós que 'a pintores e a poetas igualmente se concedeu, desde sempre, a faculdade de tudo ousar'. Bem o sabemos e, por isso, tal liberdade procuramos e reciprocamente a concedemos, sem permitir, contudo, que à mansidão se junte a ferocidade e que se associem serpentes a aves e cordeiros a tigres.¹

Sendo a poesia imitação da realidade, esta não acolhe fantasias exuberantes e irracionais. Daí os limites impostos, necessariamente, ao poeta artífice.

Depois da sua reflexão em torno do artefacto poético, que lhe ocupa os primeiros trezentos versos, o poeta venusino vai definir a missão do poeta (vv. 333-334; 343-344):

Aut prodesse uolunt aut delectare poetae
Aut simul et iucunda et idonea dicere uitae.
[...]
Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci,
lectorem delectando pariterque monendo...

¹ Usamos a tradução de R.M. Rosado Fernandes: Quinto Horácio Flaco, *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário de R.M. Rosado Fernandes. Mem Martins, Editorial Inquérito, 2001.

Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo, tratar de assunto belo e adaptado à vida. [...] Recebe sempre os votos o que soube misturar o útil ao agradável, pois deleita e ao mesmo tempo ensina o leitor...

Horácio preconiza, assim, uma solução inspirada pela escola peripatética, em particular por Neoptólmo de Pário². Por aqui se joga o valor ténue das Letras, assim se tece o drama do escritor, em particular do classicista, empenhado em transformar o mundo para melhor, num apelo incessante à superação humana. Escrever para quê? Que aportações novas, que reflexões hão-de emergir com agradável utilidade em momentos de um activismo literário, sinceramente excessivo? Hoje, os textos sucedem-se em catadupa, a um ritmo vertiginoso, acossados pela pressa de uma produção científica quantificada em números frios, uma produção que tantas vezes friamente se esgota em si própria. Encerrada na sua torre de marfim. Egoísta.

O prazer da leitura de um texto bem urdido na tessitura das suas ideias supõe o amadurecimento de uma vasta cultura geral, em resultado de um conhecimento acumulado ao longo dos anos, feito a partir da experiência da vida. Em termos idênticos nos pinta Cícero o orador ideal (*De orat. 1.6.20*):

Ac mea quidem sententia nemo poterit esse omni laude cumulatus orator, nisi erit omnium rerum magnarum atque artium scientiam consecutus: etenim ex rerum cognitione efflorescat et redundet oportet oratio. Quae, nisi res est ab oratore percepta et cognita, inanem quandam habet elocutionem et paene puerilem.

Pelo menos, na minha opinião, ninguém poderá ser um orador que mereça todos os louvores, se não tiver alcançado o conhecimento de todas as matérias e disciplinas importantes. Pois é dessa cultura geral que deve florescer e emanar o discurso que, se não tiver um fundo de conhecimentos assimilados, será um articular de palavras vãs e quase pueril.³

² Cf. C. O. Brink, *Horace on Poetry. Prolegomena to the Literary Epistles*. Cambridge: 1963, p. 120, n.º 1, *apud* Quinto Horácio Flaco, *Arte Poética*... cit.: «... para cumprir a sua função, o poeta perfeito deve entreter o espírito do ouvinte e assim também ser útil e ensinar».

³ Maria Helena da Rocha Pereira, *Romana. Antologia da Cultura Latina*. Organizada e traduzida do original por Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000, p. 25.

Ao poeta e ao orador os une, assim, uma finalidade idêntica: formar, com docilidade, as gerações vindouras. Para Cícero era inquestionável a utilidade da oratória e nada de mais aprazível à mente humana existia. Afirmo ele no tratado *Do Orador* (II.8-9.34-35):

Neque ulla non propria oratoris res est, quae quidem ornate dici grauius debet. Huius est in dando consilio de maximis rebus cum dignitate explicata sententia; eiusdem et languentis populi incitatio et effrenati moderatio eadem facultate et fraus hominum ad perniciem et integritas ad salutem uocatur. Quis cohortari ad uirtutem ardentius, quis a uitiiis acrius reuocare, quis uituperare improbos asperius, quis laudare bonos ornatius, quis cupiditatem uehementius frangere accusando potest? Quis maerorem leuare mitius consolando?

Não há assunto que não seja pertença do orador, desde que se exponha com elegância e gravidade. A ele pertence, ao dar parecer sobre os mais altos interesses, dar uma sentença exposta com dignidade; a ele, incitar um povo debilitado e moderar os desvarios; é a mesma arte que leva o crime à perdição e a inocência à salvação. Quem pode exortar à virtude com mais ardor, afastar os vícios com mais acrimônia, censurar a desonestidade com mais aspereza, louvar os bons com mais elegância, quebrar o ímpeto das paixões com mais veemência, ou aliviar os desgostos com mais doces consolações? (*Ibid.*, pp. 27-28)

Assim se agudiza o drama do escritor, do orador, ao ter consciência da sua missão de educador, tendo por objecto central da sua acção o Homem (ἄνθρωπος). E, assim, repentinamente, do nosso quotidiano impõe-se-nos a centralidade da sua dimensão humana. E logo descobrimos que da qualidade do seu agir depende a construção de um mundo capaz de acolher a criação na sua diversidade.

Capaz de acolher a diferença, solidariamente. Em complementaridade. Como marido e mulher. No casamento.

E dou-me conta de que hoje é o dia Internacional da Família. É Sábado, 15 de Maio. Trata-se de uma resolução da Assembleia-Geral das Nações Unidas, datada de 20 de Setembro de 1993. O 16.º aniversário foi celebrado este ano sob o lema “A vida é sempre um bem”.

Dois valores complementares insofismáveis: a família e a vida. É no seio da Família que nasce a vida, em primeiro lugar os filhos. A esta imagem se aprende a respeitar a vida na natureza, se favorece a cultura da terra e a criação de

animais domésticos, para justo sustento do Homem. A única cultura ecológica de Verdade. Porque inspirada no insondável mistério da Vida.

E se é com desassombro que se descobre que alguns homens de hoje, poucos é certo, se revêem na conduta do pai de Horácio, como ele próprio testemunha (*Sat.* 1.4.105-112, 120-121, 129-130):

*... insuevit pater optimus hoc me,
ut fugerem exemplis uitiorum quaeque notando.
Cum me hortaretur, parce frugaliter atque
uiuere uti contentus eo quod mi ipse parasset:
'Non uides, Albi ut male uiuat filius utque
Barrus inops? Magnum documentum ne patriam rem
Perdere quis uelit'. A turpi meretricis amore
cum deterreret...*

*... Sic me
formabat puerum dictis...
[...]
... Ex hoc ego sanus ab illis
perniciem quaecumque ferunt...*

*... Habitou-me meu grande pai a fugir dos vícios através dos exemplos que ele me indicava. Quando me exortava a levar uma vida sóbria e austera, contente com aquilo que eu mesmo havia procurado: 'Não vês tu como o filho de Albio vive miseravelmente e como pobremente vive Barro? Uma grande lição para que ninguém queira ver fugir-lhe a fortuna familiar'. Quando ele me afastava do amor torpe das prostitutas... Assim me formava na minha meninice com estas palavras...
... Graças a isto, estou livre daquelas coisas que nos arrastam para a perdição...*

e se alguns pais ainda se revêem nestes sábios conselhos, dizia eu acima, muito maior admiração nos há-de merecer o elogio da maternidade, numa sociedade pouco dada ao reconhecimento do papel feminino.

Um dos exemplos de maior fama é o de Hêlvia, mãe de Séneca. Via esta mulher no poeta cordovês o seu filho predilecto. Por isso, o forçado exílio a que fora condenado o seu ente querido, obrigado a demandar a ilha da Córsega, *relegatio in insulam*, acarretou-lhe uma dor sofrida. Ainda por cima, dois anos antes, em 39 d.C., havia ficado viúva de seu pai Séneca-o-Retor, autor de uma antologia das mais famosas *Controuersiae et Suasoriae*, que redigiu na sua velhice, a pedido dos filhos.

Esta senhora culta, casada com um membro de rica família da ordem equestre, como relata seu filho, não teve a sorte, a *fortuna*, como aliada na sua vida, *ne natalem quidem tuum excipit*, isto é, «nem o dia do teu nascimento foi excepção», registou Séneca (*Dial.*⁴ 11.2.4.). Com efeito, enquanto ela nascia, finavam-se os dias para sua mãe. Abandonada à vida, abruptamente, havia de crescer entregue aos cuidados de uma madrastra, a quem Hélvia votou sentimentos dignos de uma verdadeira filha, respeito e afecto, a tal ponto que a obrigou a mostrar-se uma verdadeira mãe (*Dial.* 11.2.4):

... amisisti matrem statim nata, immo dum nasceris, et ad uitam quodammodo exposita es. Creuisti sub nouerca: quam tu quidem omni obsequio et pietate, quanta uel in filia conspici potest, matrem fieri coegisti.

... mal nasceste, havias de perder logo ali tua mãe, ou melhor, enquanto nascias, e de certo modo foste exposta à vida. Teu crescimento havia de acontecer à guarda de uma madrastra: sem dúvida que com toda a tua condescendência e afeição, em tudo comparável ao que é dado observar numa filha, a obrigaste a transformar-se em mãe.

E Séneca recorda a sorte ingrata que intervalo algum deu ao pranto de sua querida mãe: a morte de um tio, dos mais condescendentes, um excelente varão, muito corajoso, (*Dial.* 11.2.4: *auunculum indulgentissimum, optimum ac fortissimum uirum*), enquanto aguardava a sua chegada; no mesmo mês, o seu amado esposo (*Dial.* 11.2.4: *carissimum uirum*), que a fez mãe de três filhos, na altura ausentes – Aneu Novato, o mais velho; Aneu Mela, o mais novo, pai do poeta Lucano; no meio ficava Lúcio Séneca –; os três netos havia também de ver partir e, precisamente vinte dias depois de chorar o filho de Séneca, fulmina-a a notícia do exílio do seu próprio filho. E Séneca conclui, num crescendo dramático: «Ainda te faltava isto: chorar os vivos» (*Dial.* 11.2.5: *Hoc adhuc defuerat tibi, lugere uiuos*). Um dos golpes que mais a prostrou: «não se ficou pela flor da pele, atingiu em cheio o peito, mesmo o próprio coração» (*Dial.* 11.3.1: *Non summam cutem rupit; pectus et uiscera ipsa diuisit*).

⁴ Abreviatura para *Ad Heluiam de consolatione*. Cf. *THESAURUS LINGUAE LATINAE, Editus auctoritate et consilio academiarum quinque Germanicarum Berolinensis Gottingensis Lipsiensis monacensis vindobonensis. Index librorum scriptorum inscriptionum ex quibus exempla adferuntur. Lipsiae in Aedibus B. G. Teubneri, 1904, p. 95.*

Avançando para os capítulos finais desta Consolação, de longe a melhor das três – as outras duas são a *Ad Marciam de consolatione* e *Ad Polybium de consolatione* – Séneca acentua a sua argumentação, dizendo à sua querida mãe que não tem motivo para se consumir em pranto (*Dial.* 11.14.1: *nil habes, mater carissima, quod te in infinitas lacrimas agat*), que não é razoável que se desculpe, dizendo que é mulher, pois a elas é concedido o direito de chorar em excesso, mas com um limite (*Dial.* 11.16.1: *Non est quod utaris excusatione muliebris nominis, cui paene concessum est immoderatum in lacrimis ius, non immensum tamen*). Que dela, a quem a vida exigiu mais coragem desde o seu começo, se espera mais, uma outra conduta (*Dial.* 11.16.2: *a te plus exigit uita ab initio fortior*), rematando assim: «não pode desculpar-se com o ser mulher quem aos vícios femininos sempre foi imune» (*Dial.* 11.16.2: *Non potest muliebris excusatio contingere ei a qua omnia muliebria uitia afuerunt*).

E logo de seguida, a *pietas* filial leva-o a traçar o retrato de sua mãe Hélvia, dos mais vigorosos a que a mão humana ousou dar forma (*Dial.* 11.16.3):

Non te maximum saeculi malum, impudicitia, in numerum plurium adduxit; non gemmae te, non margaritae flexerunt; non tibi diuitiae uelut maximum generis humani bonum refulserunt; non te, bene in antiqua et seuera institutam domo, periculosa etiam probis peiorum detorsit imitatio; numquam te fecunditatis tuae, quasi exprobraret aetatem, puduit, numquam more aliarum, quibus omnis commendatio ex forma petitur, tumescentem uterum abscondisti quasi indecens onus, nec intra uiscera tua concepas spes liberorum elisisti....

Não te contou entre o número das demais vítimas a pior calamidade do nosso século, a falta de pudor; não te seduziram nem as jóias nem as pedras preciosas; nem a riqueza te deslumbrou como o maior bem da pessoa humana; bem educada, numa antiga e austera casa, a imitação dos piores, perigosa mesmo para os honestos, não te afastou do caminho certo; nunca te envergonhaste da tua fecundidade como se fosse coisa reprovável na tua idade; bem diferente daquelas que toda a glória buscam a partir das suas belas formas, tu nunca escondeste teu ventre prenhe, como se de um fardo indecoroso se tratasse; nas entranhas de teu ventre teus filhos concebidos nunca eliminaste...

Palavras terrivelmente clarividentes estas as que acabámos de ouvir. Por isso é que o estudo da História deve ser pensado na perspectiva de uma oportunidade

que se tem para se retirarem lições, tendo em consideração o presente⁵. Mas nunca com a esperança de que nos possa fornecer modelos seguros de um futuro que, por natureza, é um mistério empolgante para todos nós. Contudo, podemos antecipar as consequências dos nossos actos futuros, já no presente!...

E Séneca, o estóico, que a morte se deu a si mesmo – «ao homem qualquer um pode arrebatá-la a vida, mas não a morte», escreveu ele na tragédia *As Fenícias* (vv. 152-153: *Eripere uitam nemo non homini potest; / At nemo mortem...*), havia ainda de acrescentar (*Dial.* 11.16.4):

... non faciem coloribus ac lenociniis polluisti; numquam tibi placuit uestis quae nihil amplius nudaret cum poneretur: unicum tibi ornamentum, pulcherrima et nulli obnoxia aetati forma, maximum decus uisa est pudicitia

... teu visual não poluíste com cosméticos ou colares; nunca te agradou o vestido que ao despir-se a nudez não aumenta: a teus olhos, o único ornamento, a maior de todas as belezas, não vinculada a idade alguma, a maior glória para ti sempre pareceu ser a pudicícia.

Esta matrona romana apresentava ainda dotes singulares no plano administrativo, os quais mereceram a atenção de seu filho. Com efeito, o amor de Héliia nunca foi um sentimento interessado pela fortuna de seu filho, ou melhor, ela não foi aquela mulher que, impedida de aceder aos cargos públicos, satisfaz a sua ambição através dele, pondo-o ao serviço dos outros (*Dial.* 11.14.3):

Tu liberorum tuorum bonis plurimum gauisa es, minimum usa; tu liberalitati nostrae semper imposuisti modum, cum tuae non imponeres; tu filia familiae locupletibus filiis ultro contulisti; tu patrimonium nostra sic administrasti ut tamquam in tuis laborares, tamquam alienis abstineres; tu gratiae nostrae, tamquam alienis rebus utereris, pepercisti, et ex honoribus nostris nihil ad te nisi uoluptas et inpena pertinuit. Numquam indulgentia ad utilitatem respexit.

Tu sentiste um enorme contentamento com a fortuna de teus filhos e minimamente a usaste; tu sempre impuseste moderação à nossa generosidade, embora não a impusesses a ti mesma; tu, apesar de estares sob a tutela de teu pai, ainda contribuístes para o aumento da riqueza

⁵ Para mais pormenores, vd. John H. Arnold, *A História*, tradução de Ana Tanque e Armandina Machado, revisão de Mário Azevedo. Lisboa: Quasi Edições, 2006, *maxime* pp. 121.123. (Original: *History*, Oxford: Oxford University Press, 2000.)

de teus filhos; assim, tu administraste nossos bens como se estivesses a cuidar dos teus, renunciaste ao seu uso como se de bens alheios se tratasse; tu, do nosso reconhecimento público havias de te privar como se fosses usar de uma prerrogativa alheia, de nossas honras não te foi dado colher mais do que o prazer e as despesas. Em circunstância alguma o teu carinho visou a satisfação dos teus próprios interesses.

Homem dado às Letras, deixo para o fim o seu elogio. Não são os jogos ou os espectáculos dos gladiadores, os negócios ou os prazeres, as distrações de uma viagem ou a administração do património que hão-de sufocar as lágrimas. O refúgio para as suas mágoas deve procurá-lo nos estudos liberais. Na altura, o pai, preso aos costumes dos antepassados, não permitiu que sua formação se alongasse (*Dial.* 11.17.3-5):

... sed quantum tibi patris mei antiquus rigor permisit, omnes bonas artes non quidem comprehendisti, attigisti tamen. Vtinam quidem uiro- rum optimus, pater meus, minus maiorum consuetudini deditus uoluisset te praeceptis sapientiae erudiri potius quam imbui! Non parandum tibi nunc esset auxilium contra fortunam sed proferendum. Propter istas quae litteris non ad sapientiam utuntur sed ad luxuriam instruuntur minus te indulgere studiis passus est. Beneficio tamen rapacis ingenii plus quam pro tempore hausisti; iacta sunt disciplinarum omnium fundamenta: nunc ad illas reuertere; tutam te praestabunt. Illae consolabuntur; illae delectabunt... Haec quidem certissima praesidia sunt et quae sola te fortunae eripere possint.

Mas, tanto quanto to consentiu a severidade antiga de meu pai, se não te aplicaste a fundo, pelo menos no teu estudo abarcaste todas as artes liberais. Oxalá meu pai, o melhor de todos os homens, fosse menos dado ao respeito pela tradição dos antigos e tivesse querido que fosses instruída de preferência a seres experimentada nos preceitos da sabedoria. Desse modo, não andarias nesta altura a demandar auxílio contra os golpes da fortuna, mas haverias de os exhibir publicamente. Por causa das mulheres que se servem das letras não para fruírem da sabedoria mas para se instruírem na luxúria, viu-se ele obrigado a moderar a tua inclinação para os estudos. Todavia, graças à tua inteligência fulgurante, apreendeste mais do que fazia supor o pouco tempo dedicado às letras: lançaste os alicerces de toda a disciplina. Volta para elas, agora: elas te hão-de dar toda a segurança. Elas te hão-de consolar; te hão-de deleitar... Elas são, na verdade, o mais segura fortaleza, e só elas te poderá arrebatá-lo ao arbítrio da sorte.

Este é o exemplo de uma mulher prestigiada pela sociedade romana, de alguém que é determinante para a consolidação da tradição dos seus valores políticos e morais. Neste contexto se compreende a recomendação dada à mãe a respeito da filha de seu irmão Novato, a Novatila, numa idade propícia à formação do carácter:

Nunc mores eius compone, nunc forma: altius praecepta descendunt quae teneris inprimuntur aetatibus. Tuis adsuescat sermonibus, ad tuum fingatur arbitrium: multum illi dabis, etiam si nihil dederis praeter exemplum.

Agora é a altura certa para estabelecer os seus costumes, agora é o momento de a formares moralmente: ao mais íntimo descem os preceitos que se imprimem na tenra idade. Acostuma-a a falar contigo, que o seu desenvolvimento se faça segundo a tua vontade: dar-lhe-ás muito se, mesmo não lhe dando nada, lhe deres o teu exemplo.

Como algures escrevia o nosso filósofo, pouco tempo antes do seu suicídio: “Somente a morte pronunciará sobre nós seu juízo definitivo”.

Referências

ARNOLD, John H.

- 2006 *A História*, tradução de Ana Tanque e Armandina Machado, revisão de Mário Azevedo. Lisboa: Quasi Edições.

BRINK, C.O.

- 1963 *Horace on Poetry. Prologomena to the Literary Epistles*. Cambridge.

QUINTO HORÁCIO FLACO

- 2001 *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Mem Martins: Editorial Inquérito.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da

- 2000 *Romana. Antologia da Cultura Latina*. Organizada e traduzida do original por Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Universidade de Coimbra.

SÉNECA

- 1904 *Ad Helviam de consolatione*. Cf. *THESAURUS LINGUAE LATINAE, Editus auctoritate et consilio academiarum quinque Germanicarum Berolinensis Gottingensis Lipsiensis monacensis vindobonensis. Index librorum scriptorum inscriptionum ex quibus exempla adferuntur. Lipsiae in Aedibus B. G. Teubneri*.